





MÁGOAS
SOB DOCES E
SANGUES

LETICIA MARIANA

Letícia Mariana

Título: Mágoas sob Doces e Sangues

Autoria: Letícia Mariana

Design: Paula Domingues

Revisão: Diana Pinto

Edição: Editora Seshat

1ª edição, Janeiro, 2026, por Editora Seshat

© 2026 Editora Seshat e Letícia Mariana

Todos os direitos relativos à comercialização, distribuição e promoção desta obra encontram-se reservados à Editora Seshat.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou de qualquer forma sem uma autorização do seu proprietário legal.

Editora Seshat

Editoraseshat.pt

[Instagram.com/editoraseshat](https://www.instagram.com/editoraseshat)

Geral@editoraseshat.pt



Agradecimentos

Acima de todos os sentidos, sem duvidar, agradeço ao Destino e suas maravilhosas artimanhas!

Ao mistério, suspense, terror e, claro, à poesia, belezas que se misturam lindamente com todos os gêneros. Clichê e original, cotidianos que Luciana sabe controlar na palma da mão e no suor dos dedos!

Ao meu marido Daniel Santana Rocha que ama thrillers e vai amar essa obra!

Aos colegas de escola, tão lindos, por sempre duvidarem da minha capacidade. Vocês são fantásticos e me deram uma força invencível.

À Vitória, claro! Amiga misteriosa de anos e anos, poetisa, artista e sofrida. Força!

À Maria de Miranda que, com certeza, leu Entre Barbantes aí da Espiritualidade. Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação, Mariazinha!

À minha tia e madrinha Priscila Hemery, pois teve todo carinho no design gráfico de Entre Barbantes. Eu te amo!

Ao meu titio Jean Jacques Roger Hémery por me ensinar as tragédias de um enredo, mesmo dizendo que é melhor no fim. Quando tal obra estiver nas livrarias, com certeza levarei você para passear e retribuir todo cuidado

comigo.

À minha guerreira, bela e amada mãe Paty Fonte, sempre questionada sobre seus sonhos, mas vitoriosa como eu. Tal mãe, tal filha, mas sempre a seu modo. Minha melhor amiga de anos, hein?!

À Terezinha Martins, uma das minhas primeiras professoras e musicista de primeira.

À Anita Paez, minha amiga eterna.

Ao Armando Caaraura, Presidente da ACILBRAS, por me escolher entre tantos talentos para fazer parte desta Academia.

À Maria Padilha, bela de vermelho que amo demais. Salve!

Ao Heitor M. Correa, amigo fofo e sempre muito gentil comigo.

Aos leitores e a todos os meus amigos da UFRJ, principalmente o Daniel Garcês, Daniel Lucas, Francisco Pro-cópio, Jéssiva Gonçalves, Beatriz Fonseca, Gabriel Rosa, Greco Campos, João Bruno, Emilly Andreia, Yngrid Souza, Bia Porto, Isabela Schiavo, João Gabriel, Ana Clara Candal, Julia Duarte e Luísa Guerci.

Às professoras Tatiane Leal, Cristiane Costa, Cristina Rego Monteiro da Luz, Fernanda Paraguassu, Luciano Olivieri e Carine Prevedello. Aos que não foram citados, também dedico este livro!

Letícia Mariana





Aos que amam uma boa história de terror.



Capítulo um



PESAR INSIGNIFICANTE

Declaro agora que o sentir está servido. Nada mais interessa neste jantar! Supérfluo alimento que carrego nos dias. Luciana é o jantar de pena e pluma. Plumas sangrentas e românticas! Pena? Nem preciso dizer. Quanto mais ofegante pareço, menos me importo comigo. Afinal, sinto que morro a cada facto histérico do tempo.

TEA, ou PEA, como dizem em Portugal. Sabem o que é isso? Sim, sou autista. Uma autista que tem capacidades para coisas incríveis, surreais, mas dificuldades tamanhas para coisas pequenas. Escondo da sociedade a minha situação, mas todos os dias reflito sobre o preconceito que tenho comigo. É de uma autodestruição gigante! Preciso de um tempo só, poético, sobrevivente. Necessito pensar, ah, mas quem me dera estar, apenas!

Sou viciada em máscaras. Não, não pense que sou de mentirinhas ou que conto mentiras, apenas coleciono más-

caras de todos os tipos, literalmente. É um fascínio particular. O bordado delas encantam-me, assim como cada agulha que fabrica o seu encantamento. As minhas favoritas são pretas e azuis, confesso. Azul bem cintilante, vivo.

– Senhora, está aqui? – Disse a minha heroína das tintas.

– Vitória, deixa-me, estou farta! – Repetia mentalmente, triste.

As letras que me acompanham sufocam. Arranham leitores e apedrejam o meu sono! Madrugadas distantes dos cantos insignificantes. Nem as rimas me descem mais!

Vitória é a minha personagem. Ela carrega toda a dor íntima d’alguma autora insignificante. Claro que sou eu, mas quem mais será? Ora! Preciso de parar. Freio, Luciana, freio!

O estalo íntimo que levo nunca me parece suficiente. Tenho um relacionamento estável, caridosos amigos e família presente. Quase presente, diria. Mesmo com tudo na mão, ouros afetivos aos meus pés e tranquilidade definida, o meu ser esgota.

Quem desabafa em tais linhas? Luciana. Escritora, jovem e desesperadamente viva. Engulo a minha saúde, cuspo e faço-me autora. Artista de papéis amarelados, amontoados numa gráfica cruel: a existência.

Preparo mais um dos meus enredos. Esbarro nas teclas e crio raivas, egos, destinos mais tortos que os meus dedos doloridos. Sou apenas uma menina que quer se tornar mulher, mas não é capaz de suprir desejos internos.

Ah, chega! Já possuo estranhezas demais. Criar serial killers acalma-me, aquieta o meu coração ansioso. Eu anseio por sangue, mas minh'alma clama pela paz. Paz de espírito? Luxo! Melhor do que ganhar na lotaria! Não que eu não goste de dinheiro, mas acho bem mais simples do que conquistar alguma paz. Pareço uma *blogueira* ou talvez burguesa a falar? Pouco me interessa, preciso dormir. Descansar do desânimo atual que ronda a minha mente incessante!

"A sede caminha ao lado dos meus pulsos. Veias lideram sentidos e sacio-me ao gargalhar. O vermelho pinga e a mármore grita, lágrimas escorrem na face oculta da primeira vítima. Esqueço, mesmo que por um instante, tal barbárie cometida sem pudor. Assassinatos soam-me comuns, pois sou mulher de factos, instintos e suor. O calor veste-me como o frio me irradia."

– O calor veste-me? – Pensei com desprezo.

"O calor toca-me como o frio que me desdenha. Penso como sangues podem transformar factos, desenhando milimetricamente desesperos."

– Não estou satisfeita, melhor a frase anterior. – Insisti o meu pensamento, retornando as minhas escritas.

"O calor veste-me como o frio me irradia. Penso como sangues podem transformar factos, desenhando milimetricamente"

desesperos. Subornos, fúnebres actos alegram-me. Girassóis da cor vinho, embriagando facas, pistolas e demais prelúdios da morte. Gosto de brincar com perigos, escravizando cada um deles. Marionetes inúteis! Assim agarro novamente a minha sede, afogando qualquer rasto de consciência. Assassina é um rótulo, firme é uma fiel aliada. Imortal dos nervos, penso. O meu nome é imortal dos nervos, mas com "C"! Até breve. Até o final particular do meu doloroso, dramático e triste diário. Observo o respirar cessar. Pobre indivíduo caído, sem esperança ou olhares para rebater! Usarei preto para homenagear o caixão, rodeado de flores impacientes. Os meus pêssames!"

– Será que alguém leria uma história tão pesada?

– Tu novamente, consciência? – Perguntei em tom de sarcasmo. – Mas será possível que não me deixes descansar?

– Não sou a tua consciência, infeliz! – Gritava incansavelmente. – Sou a tua mente, não consegues separar as duas coisas?

– Não me importo, só preciso terminar de escrever!
– Gritei enquanto guardava o caderno. – Qual é o teu problema, hein?

– Acreditar demais nos outros e deixar de dormir, mas o que importa? – Troçou a mente.

Vivo numa eterna inconstância feliz. Carne de boa qualidade, ora, até gosto! Diria que amo. A carne dos visitantes infelizes! O meu palácio de horror faz-me chorar. Aranhas! Teias, baratas, dor! É assim que vejo o mundo



sem escrever. Quero a liberdade a tocar-me, a puxar-me e a enterrar-me no paraíso da existência. Parem de gritar e dizer que sou pobre d'alma! Não suporto mais! Vou matar-me, atirar-me do segundo andar à espera de mais um instante de atenção! Mesmo que eu perca a perna que tanto quis conquistar? Não! Pintarei estrelas nos meus dedos! Terei letras, instantes, lustres e painéis. Serei. O meu desejo? Ser.

– És feliz? – Disse, tentando testar os meus atos.

– Ilusão, imaginar para ser, de facto, feliz. – Respondia a minha mente.

Nada disse. A minha consciência voltava, mais do que nunca, para me assombrar!

Antes que eu pudesse respondê-la, ouvi batidas insuportáveis e resolvi atendê-las. Barulhos externos são calmantes perto dos internos, aprendam. Tive que vivenciar muitas loucuras d'alma para chegar nesta triste conclusão. Inclusive conversar às três da manhã com seres imaginários! Talvez seja o caminho para a tão sonhada reforma íntima: pensar. Ora! O caminho perdeu-se na própria obra. Reformo agora a minha volta ao real!

– Abre essa porta!

– Tu aqui, Rafa? – Perguntei assustada. – Resolveste lembrar que a família existe?

– Cala a boca, chata! – Dizia embriagado. – Só bebi umas bebidas.

– Claro, decidiste beber da inconveniência, pelos vis-
tos. – Rebatí ironicamente.